

Ideias sobre a música

Na culta Grécia, na guerreira Roma,
Endeusada a Harmonia, cultos teve;
Entre bárbaros povos, Galos, Francos,
Celtas, Bretões, a Música divina
Os cruentos costumes adoçava.
"O Gênio e a Música" (Magalhães)

O amor é, sem dúvida, o inventor da música; tal arte não poderia ser produzida por outro sentimento do coração humano. O amor inflamando as faculdades mentais, embalsamando o futuro com desejosas esperanças, diviniza a vida, torna o homem poeta e o desliza no vago harmônico de encantadoras ilusões, e, neste ardente turbilhão, vem a música, como o orvalho da manhã, aplacar a calidez que o devora: como um solitário, cansado dos monólogos de sua imaginação, concentrado no fundo d'alma, canta para dilatar-se na expansão melódica; é o zéfiroⁱ depois da calma, é a respiração depois da opressão. A concentração de ideias amontoadas no ádito d'alma pede divergência, e o homem olha em torno a si, estende a vista pelo espaço, fala às árvores e aos montes, ouve o eco despertar o silêncio, poetiza com as águas, que, murmurando, conduzem pelas encostas das colinas a voz da solidão e contente canta, saudando a natureza. O rouxinol, a quem mão bárbara, com um ferro quente, furtou a luz da vista, isolado em trevas eviternas, canta e inocente espera crástinaⁱⁱ aurora, que de dia em dia se prolonga, até que a morte, de um aceno, quebre-lhe a flauta, que em variadas estrofes tanto amenizará a voz dos desertos e que ora uma mão mais forte o encerra entre as grades de um aéreo cárcere.

Quanto atrativo, quanto balsamo não derrama no coração do peregrino cansado, que mede a duração do crepúsculo e lança os olhos no horizonte para implorar a saída da lua, naquela hora misteriosa, em que a natureza cala todos os entes, para respirar na pompa de seu esmalte, cingindo-se de ouro, e coroando-se dos arrebóis, que em negligentes grinaldas vagam na amplidão do céu! Ah! Quanto é doce ao forasteiro ouvir uma voz e o som de uma harpa que em melódica nêniaⁱⁱⁱ se repercute entre bosques de mirto ensanefados de flores e, por entre o arrendado das folhas, ver alvejar o vulto de uma virgem, que, afastada dos peristilos^{iv} de mármore, sobre um saxo^v musgoso, e, ao som do murmúrio das águas, canta seus infortúnios e esperanças, confiando às florinhas o segredo de seu coração: volvendo para o céu dois globos de safira que, girando no sistema de amor, atraem os corações sensíveis; abrindo uns lábios de rosa, cujo hálito produz uma atmosfera elísia^{vi}, que a alma só conhece, e não pode exprimir; um seio palpitante, oculto jeróglifo^{vii} de tantos desejos misteriosos, que se acobertam no almejo de tantos suspiros, únicos núncios^{viii} da paixão, que o oprime: quem, escutando a cadência melódica, que invejam dulias^{ix}, vendo-a balançar a fronte em mórbidas oscilações, soltar um prelúdio, que tímido revolve-se entre soluços, e dos olhos destila um diamante; quem não sentirá a alma espriar-se entre angélicas delícias? É a imagem da rosa, balançada pelo zéfiro matutino, despegando dos lábios embalsamado hálito, que magnetiza os sentidos: turíbulo^x embalado pela natureza, saúda a luz, e esparge o seu perfume: pontífice dos prados, eleva a Deus nuvem odorosa e o venera em mudo sacrifício.

No meio da escuridão de góticas ogivas^{xi}, no centro do santuário, circulado de túmulos, como espectros espalhados em

sentinela na morada dos mortos, vendo ao longe bruxulear^{xii} a lâmpada sagrada, que derrama pálidos raios sobre a fronte dos fiéis, e os contorna em dourados perfis, contrastando com o azulado da lua, que enfia frouxas centelhas por entre o crivo dos cromáticos vidros da Catedral:

Ouvindo sacros hinos, que alvas virgens
Em doce acordo a divindade sobem!
É teu peito sensível? dize, sentes
Vir mágica saudade alma banhar-te,
Que aos olhos, precursora, traz a lágrima,
Que o peito lava, mágoas desfazendo?
Então terna alegria vem saudar-te,
Qual raio luminoso na tormenta
A furto escapa dentre o céu envolto
Em atrás, densas, pluviosas nuvens.

Que admirável concerto, quando a natureza em cólera solta sobre a terra os elementos; os troncos roçam-se, os canaviais sibilam, e ao longe roncam as ondas, e o trovão inflamado cai, tingindo de sangue o céu; como nos olhos de ciumento amante rutilam ígneas órbitas, lampejando fúrias. Ah! É a voz da natureza que, penetrando o íntimo do peito, abre em torno do homem o sepulcro da eternidade: é a voz da natureza, que ribomba no ádito d'alma e congela o coração, que, desamparada da terra, sobe mais alto e, nas asas da religião, humilde vai voando, e deposita aos pés de Deus a esperança, e colhe a consolação.

Toda a natureza é uma orquestra que, em variadas escalas, reproduz harmonias diferentes nas fibras do homem sensível.

E o mísero proscrito, que se acoberta na solidão dos túmulos, e vê a seu lado erguerem-se flamas fosfóricas da terra, acompanhadas de gemidos de aves sinistras, como para expulsá-lo de semelhante lugar, aterrorizado foge, tropeçando em ossos que gemem com suas pisadas, e vai buscar o peristilo de um templo onde se esconda; entorpecido da miséria, atormentado pela dor, rodeia a mente num turbilhão de ideias, vê passar a prepotência, o cadafalso^{xiii}, vê a esposa, e os filhinhos mendigando; treme, chora, e um delíquio de morte lavra-lhe os membros, até que o sono entre tais cenas e seus olhos deixe cair seu véu narcótico^{xiv}.

A pálpebra é o pano, que baixa, e esconde d'alma as cenas da vida; o prazer, e a dor se enfraquecem, e todas as cenas da humanidade desaparecem logo que ela encobre a pupila do homem. Mas eis que o infeliz desperta, titubeante^{xv} foge para a praça e esbarra numa fileira de luzes, que vagarosas caminham para o templo, e ao longe ouve a voz do órgão que insinua a estrada ao cadáver: será sonho ou realidade? Chora uma família ou repousa um povo? Será um pai ou um algoz da humanidade?

O órgão é um despertador de lágrimas, ele se harmoniza com as fibras do coração em grande unidade, quando estas vibram na escala melancólica da saudade e da dor: mil vezes os sentimentos, mas nunca com tanta potência como quando, no dia dos mortos, orávamos a Deus, na Catedral de Florença por alma de um pai e de alguns amigos, que jazem na terra.

A música é para a sociedade o que a boa distribuição da luz é para um quadro, ambas dão vida e alma às coisas a que se aplicam.

A música não tem corpo, é um fluido palpitante, é a imagem do espiritualismo, tem existência, exprime paixões; e quem a nutre? As ideias, sim, as ideias, que sobre as asas do pensamento vão mais longe que o sol, e que as estrelas, únicos habitantes da terra, que chegam à morada do Senhor, e estabelecem esta relação entre Deus e os homens.

A música não desceu do céu somente para dar-nos sons melódiosos ou ferir-nos os sentidos com a riqueza da harmonia, não; a música é uma mola, que desperta no coração a inocência, a lembrança do amigo ausente, a saudade da Pátria; é uma nova força que faz girar em nossa alma a potência do heroísmo, os encantos da religião, e as doçuras do amor, e da melancolia.

Afrontada a Pátria, e seus filhos armados para tomarem vingança, ponde-lhes à testa a música, vereis redobrar a coragem e, cheios de heroísmo, partirem precipitados para o campo da guerra, onde na urna do destino colherão a vida ou a morte, a vitória ou a desonra.

Corramos um reposteiro^{xvi} momentâneo sobre a cena de nossos dias, cubramos os altares onde fumegam aromáticas delícias e onde o coração angustiado acha uma aura benéfica e salutar: deixemos a nossa sociedade e, retrogradando ao passado, vejamos como a tradição nos apresenta esta arte encantadora no meio da sociedade, e quão nobre se estendendo por todas as gerações, sempre divinizada, sempre misteriosa, como a intermédia entre a divindade e o homem.

Dos polos aos trópicos, e destes ao equador, do alto das montanhas às planícies, e da terra ao mar, por onde os homens vivem e morrem, passam e repassam, a música existe.

Onde há língua, há poesia; onde há poesia, há música.

No Egito, onde tudo partia da divindade, vê-se Ísis^{xvii} inventando a música, e o seu nome se proferindo com as sete vogais no princípio dos sacrifícios.

Moisés^{xviii}, depois de vagar nas águas do Nilo, foi educado entre a harmonia dos sistros^{xix}, que alegravam o palácio dos faraós: subiu a escala das ciências, e penetrou o santuário de Ceres^{xx}, onde a horrível e misteriosa harmonia do inferno soava entre o vago da escuridão do templo; passando de câmara em câmara, vendo sempre novos concertos de fúrias, chegou ao poço sagrado, onde purificado, e iniciado, recebeu a chave das ciências, para ser o primeiro legislador. A seu lado, Enos^{xxi} e Jubal^{xxii} como aparecem brilhantes, tocando a cítara, e o órgão em acordo aos cânticos de Jeová^{xxiii}.

Atravessa o deserto, recebe as pragas, vaga entre a morte e a desgraça, quer escapar à fúria da perseguição, mas o mar lhe antepõe barreiras; volve os olhos para o céu, fere com a vara misteriosa as águas, celeste meteoro baixa à terra, e, deslizando na flor do mar, abre os seus abismos, como o arado a terra, e recua para os lados as ondas, que em cilindros rolam, patenteando aos filhos de Israel uma nova estrada de pérolas e de corais; e eles salvos escapam do egípcio feroz, que baqueia em vórtices nas ondas, em quanto o nome Jeová se entoa na margem oposta, e o povo repete:

“Minha vitória, meu canto é Já! Foi ele o meu Pai, o meu socorro. É o meu Deus, quero glorificá-lo; o Deus de meu pai, quero exaltá-lo.”

Enquanto o egípcio Anfião^{xxiv} arroba os gregos com a harmonia da lira, os seus soldados levantam os muros de Tebas^{xxv}, e o povo ignaro crê que as pedras se colocaram por mando da harmonia.

Aquiles^{xxvi} rouba a filha do sacerdote Briso e a força a amá-lo com os sons de sua lira; e esta lira, que em inflamado arpejo acendera o amor no coração de Hipodâmia^{xxvii}, e deu-lhe a felicidade, outra vez desferiu sons de narcóticos acentos, para aplacar-lhe a cólera contra Agamênon^{xxviii}.

Ulisses^{xxix} espalha seus cânticos no exército, e com estes o anima a empunhar as armas; investe o mar, e os soldados o creem roubado por Netuno^{xxx}, para dirigir as esquadras.

O sentimento e o arrobo musical dos antigos é demonstrado em todas as fases de sua história. Os prodígios desta arte divina, entre os humanos, não bastaram para tecer-lhe encômios: ela larga a mansão dos vivos e penetra na escuridão da morte. Orfeu^{xxxi} trinfou da natureza; a cascata suspendia a torrente, cessava a monotonia do murmúrio, para escutar os sons da cítara do filho de Eagro^{xxxii} e de Calíope^{xxxiii}; as florestas balançavam-se no ar, como na estação de amor, e as campas se agitavam, para que seus sons penetrassem no reino da eternidade, e aí despertassem o contínuo silêncio companheiro dos mortos. Desce ao Ténaro^{xxxiv}, e pela primeira vez cessaram as leis infernais, que pareciam eternas, e o Rei das larvas, cujo sorriso era o trovão, e uma carícia o raio, se enternece como o homem; coroa-lhe a cítara e enxuga-lhe as lágrimas pela mão de Eurídice^{xxxv}.

Quanta potência em louvor não tem esta fábula! Quanto exprime esta narração dos gregos, que elevaram estátuas a seus

músicos, um templo a Lino^{xxxvi}, que o sacerdote incensava antes que visse as nove irmãs.

O canto das sereias, entre os gregos endeusados, não era mais do que as donzelas egípcias, que retinham os viajores com sua melodia e os faziam esquecer o mundo, dormindo entre os narcóticos braços de seu amor.

A lira de Mercúrio^{xxxvii}, conservada e respeitada pelo tempo, era considerada como uma relíquia preciosa para o gênero humano; mas a prostituidora mão da adulação a descolocou de seu altar, para oferecê-la a Alexandre^{xxxviii}.

Ligados à história, caminhando no labirinto da antiguidade, veremos sempre a música representando um grande papel na cena social: na infância, na prosperidade das nações, esta arte divina, sempre amiga do homem, o ampara com suas asas angélicas, e o transporta fora da atmosfera dos males e da desgraça.

Os toscanos, colonos da Lídia^{xxxix}, ofereciam prêmios ao mérito da flauta; e de todas as partes vinham concorrentes a seus espetáculos, e foi então que se viu do fundo da Sicília^{xl} aparecer Polifemo^{xli}, que, destituído das belezas físicas, tinha as intelectuais, e nos jogos levar a palma a todos os concorrentes. O ciúme dos gregos desatou sátiras contra o pastor siciliano e afinal os poetas o reduziram a monstro. A inveja tem olhos vinhos e jamais encara os objetos face a face.

A bela Lamia^{xlii} deixa Atenas e voa com sua formosura a Alexandria^{xliii}: escrava de Demétrio, tangendo a lira, muda sua sorte, troca seus ferros com seu senhor, adoça a sua cólera contra os Atenienses, e a melhora a sorte da pátria, que grata elevou-lhe um templo, dedicando-o à Vênus Lamia.

A Música nasceu com a Poesia, e quando estas gêmeas operam juntas quanta potência não desenvolvem? Esta última quando desdobra as asas de fogo, sobe às estrelas e recebe da mão de Deus o lume da epopeia, descendo sobre a terra, orgulhosa canta os faustos da humanidade: ah! quanto é grande, quanto é majestoso ouvir o vate^{xliv}:

Canto l'arme pietose, e'l capitano
Che'l gran sepolcro libero di Cristo.

La Gerusalemme liberata (Tasso).

Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

Os Lusíadas. (Camões)

Platão^{xlv} e Pitágoras^{xlvi} foram músicos e não deslembrou no meio de suas altas contemplações da natureza de espriarem a mente nos celestes dotes da melodia; e talvez o sentimento musical fosse o criador de tão sublimes pensamentos e sem dúvida a chave, que abrisse a escala das harmonias celestes.

Licurgo^{xlvii} foi músico, e suas leis postas em verso eram cantadas. Péricles^{xlviii} mandou vir mestres de lira para Alcibíades^{xlix}; e Epicuro^l, perdido no turbilhão dos átomos, tinha na música a bússola de sua alma. Nos jogos pítios^{li}, Simônides^{lii}, Corina^{liii}, Alfeu^{liv}, Safo^{lv} e Píndaro^{lvi} se disputavam os louros^{lvii}; e os conquistadores não se menosprezavam de premiar o talento musical no meio do circo, entre os aplausos de uma inteira nação.

Quão tocante não seria ver a amante de Faon^{lviii}, desesperada, titubeando os passos, banhada em frígido suor, esbugalhando os

olhos, e percorrendo-os em incertas oscilações sobre a cúpula estelífera, onde a lua em forma de ômega marcava o termo de sua carreira, tocando com as pontas no oceano, como uma âncora de prata, que cai de um baixel de safira e, nas curvas das ondas, descrevendo sigmas de prata e outros mais caracteres, que pareciam lavrar sua sentença final! Quão tocante não seria ver a amorosa lesbiana, sobre o cume da rocha, na solidão da noite, tangendo a lira, que, pela extrema vez, desferia sons, e acompanhavam o canto de amor, e de desesperação! Mísera Safo! ela entoa o último suspiro sobre as margens do túmulo, que lhe abre as fauces^{lix} em agitadoras vagas, derramando sobre a base da rocha fosfóricas luzes, quais archotes^{lx} que circulam um féretro^{lxi} e, abraçada com a lira, precipita-se no pélagos^{lxii} e entrega os delicados membros à voracidade dos monstros marinhos!

A música e o sono são a compensação dos trabalhos: o escravo afadigado e o príncipe agitado nela encontram o repouso.

Oh! Meu Deus, como a Vossa sabedoria é infinita, como ela acalenta todos os entes do universo e como cada um encontra em Vossa mão a parcela de conforto que lhe é mister! A música nas florestas da minha Pátria fez tantas conquistas, como essas esquadras, que a ambição e o interesse lá conduziram nossos maiores: a música recebia o filho da zona tórrida com seu coração; e as armas tomavam posse do terreno depois que sepultavam o hospitaleiro americano! Ministros de Deus, varões sublimes, dignos filhos de Cristo, Anchieta e Nóbrega^{lxiii}, como a posteridade é ingrata! Esses que cavam canais e descrevem estradas na terra de Santa Cruz, ainda nunca lembraram-se de elevar uma estátua ou um

padrão à vossa memória, nem ao menos se lembram que essa terra foi conquistada por vós e lavada com o vosso sangue!

Em todas as fases de uma nação, quer no altar da grandeza, quer no pó da extinção, a música e a poesia sempre a acompanham.

Logo que as artes invadiram Roma e a ferocidade a abandonou, a música subiu no altar do entusiasmo. Para luto, não, para a glória da música, Nero^{lxiv} cantou vendo o incêndio de Roma! Sim, só Neros podem cantar em tais ensejos e harmonizarem a lira com os suspiros e lágrimas de um povo devorado pelas chamas.

Honte à qui peut chanter pendant que Rome brûle,
S'il n'a l'ame et la lyre et les yeux de Néron!

(M. de Lamartine.)

Quando a mão da Providência lançou o anátema^{lxv} sobre a sociedade antiga e que no seu seio espalhou o gérmen de uma nova, que devia sentar-se sobre suas ruínas, a música procurou um asilo no templo e perto do Senhor nutria sua existência entre os votos da cristandade.

Os bardos, que com seus cânticos suspendiam o furor de duas armadas prestes a travarem peleja, não abandonaram a Gália^{lxvi}; e por toda a Idade Média se encontram os Trovadores^{lxvii} com seus alaúdes^{lxviii}, vagando pela Europa, fazendo as delícias dos duques; e os seus sons, semelhantes aos das trombetas de Jericó^{lxix}, abriam as portas dos castelos, e as pontes levadiças lânguidas caíam do alto das muralhas, franqueando-lhes o seio dos torreões, onde, em lauta mesa, rodeados de baixelas de ouro, celebravam as armas e o amor.

Esse homem, que concentrou em si os destinos da humanidade, esse gigante, que pôs um pé no século passado, e o outro no presente, e estendeu os braços para abarcar a eternidade, deixando um largo espaço para que a posteridade marche e possa contemplar-lhe o majestoso porte em toda a extensão do entusiasmo; esse homem era músico, tocava a violeta logo que embainhava a espada. Ai dos reis e das nações logo que a mão de Napoleão^{lxx} largava o arco para tocar no punho da espada!

O fundador do Império do Brasil era músico, tocava quase todos os instrumentos e nos seus belos momentos de entusiasmo compôs hinos, que ainda hoje se cantam.

A sociedade inteira está invadida pela música. E aquele que não possui semelhante predicado, julga-se menos feliz, mas não deixa de cantar.

O homem que detesta a música é de mau caráter, tem coração de fera, é um saxo que respira, lançado pelo ventre de uma mulher; é um aborto da natureza, onde há falta de harmonia no sistema nervoso. Triste daquele que não ama a música.

Arte divina, quantas vezes derramaste um bálsamo consolador nas feridas de um coração angustiado, quantas vezes vieste entrecortar os gemidos de um peito, exalados pela saudade e melancolia! J.J. Rousseau^{lxxi} substituía os encantos da natureza, nos dias tempestuosos, pelos encantos da música, e, aos sons da melodia, animava a estátua de Pigmalião^{lxxii}; e nós, peregrinando pelo mundo, conversando com as lápides^{lxxiii} e monumentos quebrados pela mão dos séculos, achamos mil vezes na música o antídoto do veneno, que tais dores causa; a caríssima mãe, os gratos amigos, os sítios encantados da Pátria, semelhantes às sombras errantes por entre

névoas ao clarão da lua, víamos passar diante de nossa imaginação, ao recordar um cântico da Pátria; tal é a potência da reminiscência desatada pela música, que coloca nas termas de Nero, em Subiáco^{lxxiv}, no Palácio dos Césares^{lxxv}, no Palatino^{lxxvi}, ou nas fauces do Vesúvio^{lxxvii}, a torrente do Carioca, o bálsamo da mangueira e o coqueiro do Guaíba^{lxxviii}.

SOBRE A MÚSICA NO BRASIL.

O caráter dos diferentes povos, manifestando-se em suas produções artísticas, realça salientemente na música. Se tomarmos, cronologicamente, todos os cânticos de um povo desde sua infância até sua decadência, veremos três sentimentos marcados, entre os quais a furto se mesclam outros, secundários pela influência ou invasão de gênios estrangeiros, que, aparecendo na esfera musical, como luminosos astros, estendem seus raios benéficos sobre vastas regiões e com eles aumentam a intensidade do gênio nacional, fornecendo-lhe uma nova estrada de inspirações.

O primeiro sentimento que se declara em uma geração infante é a melodia; civilizada ela, aparece a harmonia; no cúmulo do progresso vem mesclar-se a melodia, e então brilha a riqueza, ora numa, ora noutra cousa; e logo que marcha para a corrupção e com passos decadentes caminha para o sepulcro da extinção, cai no vago do guindado^{lxxix}; as paixões são exprimidas por prelúdios, o grandioso de um efeito geral é desprezado, aprecia-se mais uma fluente prolação de voz, um sutil garganteado, que uma pintura fiel da natureza: o capricho da novidade se desata com insaciável desejo; sai a campo a extravagância, que abre as portas ao delírio e

operando movimentos forçados, cai enervada, até que uma nova reação social venha despertar o gênio, até que uma regeneração completa, cheia de novas ideias, nutra o sentimento musical, e apareça então vigoroso, saliente, e simples como a natureza.

Para sancionarmos esta asserção, não é necessário folhearmos a história da música, e nem ela nos mostra esta observação filosófica, mas sim olharmos o estado das nações presentes e compararmos suas produções musicais com sua civilização.

Há certos dados na natureza do homem, que, por mais que se voltem, sempre apresentam os mesmos resultados. Siga-se um curso musical desde a choupana^{lxxx} até o paço^{lxxxi}, desde a praça da aldeia até o teatro da capital, e degradativamente se observará o progresso e modificações indicadas. No estado selvagem e de barbaria, a música não é mais do que uma assuada contínua; o canto se apresenta em forma de uivos, e a orquestra como um tumulto de armas; mas logo que um pequeno grão de civilização se introduza, ela muda de caráter, e isto se observa nos selvagens do Brasil.

O aldeão, quase no berço da civilização, o seu canto é sempre o mesmo, seja ele de qualquer nação que for; nós os ouvimos cantar na França, Suíça, e Itália, e na nossa Pátria, e pouca diferença se manifesta entre suas melodias: ordinariamente não passa das duas oitavas medianas, a natural e aguda: a escala favorita é em tom menor, e quase sempre finda a canção por uma prolação de voz, que se harmoniza em requinta por um dos membros da orquestra, que abandona o uníssono. A sua dança, filha da música, não passa da roda com certos gestos corporais, como a tarantela na Itália e o círculo dos nossos selvagens. A contradança do aldeão francês e a

valsa do alemão separam-se desta linha, pois que eles dançam com orquestra e já não existe o caráter da primitiva música.

Nas vilas a harmonia tem o seu império, é necessário que o compasso seja bem marcado para que excite a dançar e mover bem o corpo, e aí complicam-se as figuras, enquanto que nas capitais, no centro da chamada bela sociedade, a dança é um passo amaneirado e consiste mais em conversar com o par, que na multiplicação das figuras. O homem degenerado, o peralta, vai ao teatro e passa a noite inteira a compor os bicos do colarinho, fazendo momices para todo o mundo, e lá de vez em quando solta um *bravo*, quando um gorjeio, um sutil floreio escapa à prima-dona, e que a plateia responde por uma trovoada de palmas, enquanto efeitos divinos de harmonia passaram pelo alto da indiferença.

O retrato icônico de uma sociedade corrupta é a moda; o delírio e a extravagância passeiam nas salas dos bailes personificados na casaca ou toucado, e o pior é que os homens sensatos estão sujeitos a esta lei, para não desatarem o riso do estúpido casquilho, ou da senhora de *bom tom*, que, separados da sociedade humana, da sociedade intelectual, só prestam obediência à autoridade do cabeleireiro, alfaiate ou modista.

Os climas e o solo, que tanto concorrem para o caráter nacional, são os fornecedores das inspirações e, logo que há similitude entre o caráter das nações e grau de civilização, o resultado musical é o mesmo. A linguagem do homem não é mais do que uma combinação de sons mais ou menos modificados e que representam as ideias; de sua maior ou menor doçura depende a maior ou menor beleza da representação: as ideias são a natureza, e

a linguagem é o artista; do maior ou menor talento deste depende o primor ou a mediocridade da obra.

Cada nação tem seu tipo fisionômico, sua mímica e sua declamação, o que influi muito sobre suas produções artísticas.

O espanhol de caráter cavalheiresco, brilhante de imaginação, bizarro e voluptuoso apresenta em sua música riqueza de claves, passagens progressivas, harmonia elegante e airosa como o corpo da espanhola; a sua música tem um acento nobre e certamente é uma das mais belas para a dança.

O francês ligeiro, de imaginação ardente, amador excessivo da dança, apresenta em sua música o caráter da elegância nacional; ela é engraçada como a francesa, mas marca sensivelmente as pancadas do compasso, o que a enfraquece e faz perder o grandioso da ligação.

O alemão, tardo, pensador, e de uma sensibilidade que se desenvolve, não por erupções, como o habitante dos climas quentes, mas gradativamente, produz uma matemática musical, uma harmonia ditada pelo cálculo e sancionada pela natureza, uma música filosófica que, agradando aos sentidos, grava na alma o grandioso, desata o entusiasmo, e nos inspira uma majestade ultranatural.

O italiano, sentimental, entusiasta, religioso e libidinoso, forte de concepção e fraco de caráter, quase sem pátria, mas cheio de gênio, apresenta a melodia, o delírio e a melancolia; o seu canto é o do amoroso que, na solidão dos bosques, chora a inconstância de sua amada; é o do filho, que lastima a perda de uma mãe caríssima, é o do desgraçado, que no seio da noite chora entre as ruínas da pátria: a sua música tem um fluído magnético, que penetra pelos ouvidos, e deposita-se no coração, onde revolve sonhos de amor e de esperança.

As nações meridionais, possuindo um caráter diferente das setentrionais, são propensas à melodia, já pela doçura da língua, já pela veemência de suas paixões, que se desatam com toda a impetuosidade do fogo, que anima os homens de climas intensos. Quanto mais uma nação é libidinosa, tanto mais a música é melódica; e inegável é que o italiano é mais sensível que o alemão, pois que ele é mais entusiasta.

O que se observa no caráter geral das nações, se observa no indivíduo separado. O artista, que expande o seu gênio na escala melancólica, fala ao coração com dupla potência: os infortúnios de um Tasso^{lxxxii} derramam em seus versos certa magia como a que respira no amoroso Petrarca^{lxxxiii} e que decerto não tem o prodigioso Ariosto^{lxxxiv}.

À proporção que a indústria cresce em um povo, com ela vem a perfeição da execução musical; mas o sentimento é diferente, aí fala o coração, aí, é o sistema nervoso embalado nas celestes regiões da melodia, e a alma subdividida, e escapada por meio dos sons: o sentimento é a declamação e a mímica das ideias do gênio, é ele que forma a regência do sentido musical, que harmoniza as expressões, que liga e separa as partes, enfim o sentimento é quem forma o músico.

A ciência forma a harmonia, mas a melodia é filha da sensibilidade. A Inglaterra, que brilha com luminosa flama na esfera industrial, executa a música com a perfeição da ciência, mas na parte sentimental não corre parrelhas com a França e Alemanha.

Os proscritos e aventureiros de Portugal deram princípio à nação Brasileira. Privados de qualquer elemento que desse pasto à prosperidade, circunscritos nos limites da agricultura e do tráfico,

cansados e alimentados pelo sol do equador, lançavam-se nos braços do amor, e o amor os inspirava; e nos transportes da alma choravam sua sorte.

O amor produziu as artes da imaginação e o entusiasmo as elevou ao sublime; e os filhos da floresta envoltos da mais rica louçania da natureza cantavam, e sua Música semelhante ao balanço da rede, que, oscilando no ar, forma um zéfiro artificial, que tempera a calidez, apresenta o cunho melódico: é uma nênia amorosa onde respira o bálsamo misterioso da voluptuosidade, é a prolação do gemido do infeliz, é uma música do coração.

O caráter da música brasileira é, e será melódico, porque a língua e a origem de um povo cheio de imaginação o ordenam.

Entre todos os povos, além do caráter geral, outro se manifesta, que é o dos habitantes dos diversos lugares da mesma nação. Entre nós aparecem dois salientes na música, na Bahia e Norte, Minas Gerais e o Sul: a música baiana é o *lundum*; e a mineira, a *modinha*. O *lundum* é voluptuoso em excesso, melódico; e a *modinha* é mais grave. Tudo é doce na Bahia, o terreno produz açúcar, e come-se chorando com o ardor da malagueta!

Nas mais províncias do Brasil, a música é cultivada desde a *senzala* até o palácio; de dia e noite soa a marimba do escravo, a guitarra, e a viola do *capadocio*^{lxxxv} e o piano do senhor.

Santa Catarina e Pernambuco apresentam homens cabais^{lxxxvi} em gênio musical: na primeira todos os habitantes aprendem conjuntamente o A, B, C, e o *dó, ré, mi, fá, sol*; e as composições de João Francisco de Oliveira Coutinho^{lxxxvii} e outros atestam esta verdade; mas é lástima que um gênio tão grande feneça entre as rochas do Desterro^{lxxxviii}, pois, sem dúvida, e sem afrontar ninguém, é

o músico brasileiro mais hábil para a cadeira de uma escola; ele estudou sua arte, e a cultiva com filosofia.

O autor da valsa da saudade mostrou em limitada tela rasgos do mais elevado sentimento e choramos não saber o nome deste compositor, que tanto honra Pernambuco e que provavelmente sofre a sorte do catarineta.

Entre nós ama-se em delírio a música, mas despreza-se de alguma maneira os músicos: os ricos trocam de bom grado o seu dinheiro pelas lições do artista, recebem-nos com prazer em seu interior, mas talvez se envergonhem de ser seus amigos; os nossos músicos estão longe do lábio de imoralidade, ao contrário, são bons pais de família, vivem em harmonia recíproca, tem uma caixa filantrópica^{lxxxix}, conservam toda a independência que podem; têm um só defeito, e grande para o artista, neste século, serem pobres!

O Rio de Janeiro, capital do Império, cheio da melhor sociedade brasileira, e onde os melhores talentos de Minas Gerais e outras províncias vêm exercitar sua arte, sai fora dos limites das províncias indicadas.

A Capela Imperial, quando foi Real, se ufanava à face do mundo como um dos melhores conservatórios de música, e, sem a menor dúvida, a melhor orquestra do mundo no santuário: o *miserere* de Pergoletti^{xc}, que faz o arrobo dos estrangeiros em Roma, ali se executava na Semana Santa com igual perfeição.

O caráter da música fluminense participa do mineiro e do italiano. Um teatro de canto, e dos mais belos, que se podem ver; uma Capela Real, cheia dos melhores cantores da Itália, como Fasciotes, Tannis, Maggieraninis e outros, que reproduziam as mais belas composições da Europa tanto no santuário como no teatro, não

podia deixar de influir uma grande abalada no gosto musical. Marcos e seu colega Maciote, Pedro Teixeira, Francisco Manuel produziam continuamente composições musicais. Marcos, de um gênio brilhante e alegre, não soube distinguir o santuário do teatro e Pedro Teixeira, que seguia a escola rossinista^{xci}, caiu no mesmo defeito: estes dois grandes talentos não souberam harmonizar o colorido ao sujeito do quadro, mas contudo terão duração.

Francisco Manuel fez-se a si mesmo; é original, e as mais das vezes tem pensamentos brilhantes, jovem, jaz no meio da apatia artística da nossa Pátria, onde a voz da política, soando mais alto, enche as abóbadas do edifício social, onde, de vez em quando, fracos soluços de jovens moribundos entrecortam o murmúrio da celeuma^{xcii} política, mas desaparecem e desvanecem-se como o relâmpago na Serra dos Órgãos^{xciii}.

E que diremos nós do estilo particular e das vozes dos cantores brasileiros? Um João dos Reis, baixo, que pelo tubo de sua garganta arrancava um *fá* gravíssimo em toda a sua pureza e liberdade, subindo aos sons agudos e em tenor? Um Cândido Inácio da Silva e um Gabriel, tenores; também é predicado de Minas Gerais as boas vozes.

Que dor não sentiremos, voltando para a nossa querida Pátria, olhando para o coro, e não vendo o braço de um Marcos ou de um José Maurício comandando de um aceno cento e cinquenta artistas, que rompiam em mágico acordo um *glória*, um *credo*! Como se poderá hoje executar a *miserere*, a Missa de Santa Cecília, essa produção imortal do fluminense Mozart? A arte da música marcha na decadência em que a colocou nossa administração governamental, destruindo da Capela Imperial a única flor, que nos punha a par das

nações civilizadas, e que nos distinguiu sobre toda a América. Giramos no círculo das reformas e economias, mas o sumidouro das necessidades de dia em dia abre as fauces e pede ouro; abate-se um muro e não se cultiva o terreno, que ele enchia, antes se deixam os fragmentos esparsos! Ah! Senhor Deus... Voltemos à música.

Apesar das concorrências das produções itálicas e germânicas, a música fluminense tem um caráter peculiar, que é o da escola de José Maurício. Este gênio extraordinário está separado da linha dos outros músicos; sua musa amou a harpa do santuário e não se exerceu conjuntamente no teatro: suas produções sacras são numerosas, assim como seus discípulos; ele foi o astro radiante, que na colônia, no Reino e no Império espalhou seus raios preciosos sobre os brasileiros, sempre potente, sempre grandioso e sempre pobre!

José Maurício, querendo compor a sua missa de *requiem*^{xciv}, cheio do sentimento cristão, e inspirado do gênio, penetrou a campa da morte, meditou, e chorou sobre as cinzas da humanidade e, cheio de terror, saindo, ajoelhou-se diante daquele que, sentado sobre o cimo da cúpula estrelada do firmamento, olha para a eternidade, e suplicou-lhe inspiração: o negro fel da tristeza e a limpa das fontes lacrimais formaram-lhe a tinta com que escrevia tais notas, que tanto tocam e embebem na alma aquela doçura de uma melancólica saudade, que tanto afaga e acaricia o coração do homem sensível.

Gênio divino, se a morte te estancou no meio da tua carreira brilhante, tolhendo-te os membros e extinguiu-te a luz divina da inspiração, ao menos imortal serás; por ti correndo o mundo e girando na sociedade, tuas obras te aviventam de dia em dia, até que a Europa te ouça e o mundo te aplauda.

M. DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

ⁱ Na mitologia grega, Zéfiro é o vento do oeste.

ⁱⁱ Relativo ao dia de amanhã.

ⁱⁱⁱ Termo usado para fazer referência a uma canção fúnebre, uma vez que Nênia foi uma divindade, da Antiga Roma, associada à morte.

^{iv} Conjunto de colunas que rodeiam uma construção.

^v Nome de certo instrumento musical de sopro.

^{vi} Segundo a mitologia grega, Elísio era o paraíso. Lugar onde homens virtuosos repousavam depois da morte.

^{vii} Relativo a hieróglifo. Escrita usada por antigas civilizações, como os egípcios, são unidades ideográficas difíceis de serem decifradas.

^{viii} Um mensageiro encarregado de anunciar a vontade de outrem.

^{ix} Veneração prestada aos anjos e santos.

^x Incensório. Recipiente usado para queimar o incenso.

^{xi} Figura formada por dois arcos iguais que se encontram na parte superior, formando um ângulo mais ou menos agudo. Pertence a arquitetura gótica.

^{xii} Brilhar de forma trêmula, tremeluzir.

^{xiii} Tablado erguido em local público para, sobre ele, realizarem cerimônias solenes ou executar condenados.

^{xiv} Que entorpece ou faz dormir. Amortece os sentidos.

^{xv} Vacilante.

^{xvi} Peça de tecido que serve para disfarçar uma porta.

^{xvii} Deusa egípcia do amor.

^{xviii} Profeta chamado por Deus para libertar seu povo, de acordo com a tradição hebraica.

^{xix} Trombeta aguda usada entre os egípcios nos sacrifícios à deusa Ísis.

^{xx} Deusa da agricultura, na mitologia romana.

^{xxi} Deusa grega do alvorecer, chamada Aurora pelos romanos.

^{xxii} Personagem da bíblia hebraica mencionado no livro de Gênesis. Juba faz parte da descendência de Caim.

^{xxiii} Jeová ou Javé é uma expressão aportuguesada do nome do deus de Israel, na bíblia hebraica.

-
- ^{xxiv} Personagem da mitologia grega. Anfião era filho de Zeus e Antíope, uma rainha de Tebas.
- ^{xxv} Cidade do Antigo Egito, capital do reino durante o Império Novo.
- ^{xxvi} Personagem da mitologia grega. Herói que participou da Guerra de Tróia.
- ^{xxvii} Personagem da mitologia grega. Filha do rei Enomau e esposa de Pélope.
- ^{xxviii} Herói grego.
- ^{xxix} Um dos mais importantes heróis da mitologia grega. Personagem de *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero.
- ^{xxx} Deus romano do mar.
- ^{xxxi} Na mitologia grega Orfeu era poeta e foi presenteado com a lira de Apolo.
- ^{xxxii} Segundo a mitologia grega, era o Rei da Trácia.
- ^{xxxiii} Segundo a mitologia grega, era a musa da poesia épica, da ciência e da eloquência, considerada a mais sábia das musas.
- ^{xxxiv} Também conhecido como cabo Matapão. Há no local uma gruta que, segundo antigas lendas gregas, era a morada do deus dos mortos.
- ^{xxxv} Na mitologia grega, Eurídice é a esposa de Orfeu.
- ^{xxxvi} Personagem da mitologia grega, irmão de Orfeu.
- ^{xxxvii} Na mitologia romana, trata-se do deus da venda e do comércio. Corresponde ao Hermes, da mitologia grega, são mensageiros e protegem os viajantes e comerciantes.
- ^{xxxviii} Alexandre o Grande, foi um príncipe e rei da Macedônia.
- ^{xxxix} Nome de uma região localizada na parte ocidental da antiga Ásia Menor.
- ^{xl} Ilha pertencente à Itália, banhada pelo Mar Mediterrâneo.
- ^{xli} Segundo a mitologia grega, Polifemo era um ciclope. Vivia sozinho em uma caverna na Sicília, cuidando de ovelhas.
- ^{xlii} Flautista e posteriormente cortesã ateniense, foi escrava de Demétrio da Macedônia, a quem suas habilidades como música encantaram. Tiveram uma filha chamada Phila.
- ^{xliii} Segunda cidade mais populosa do Egito.
- ^{xliv} Poeta.
- ^{xlv} Filósofo e matemático da Grécia Antiga.
- ^{xlvi} Filósofo e matemático grego.
- ^{xlvii} Personagem da mitologia grega. Foi rei de Esparta.

- ^{xlviii} Foi um influente estadista e orador na Grécia Antiga.
- ^{xlix} General e político ateniense.
- ^l Grego criador de quatro remédios para alcançar a felicidade.
- ^{li} Jogos mais importantes da Grécia depois dos jogos Olímpicos.
- ^{lii} Poeta Grego. Foi o primeiro a fazer da poesia um ofício e receber tributos por ela.
- ^{liii} Foi uma poetisa lírica coral grega.
- ^{liv} Deus do rio, na mitologia grega.
- ^{lv} Poetisa grega que viveu na cidade de Lésbia, ativo centro cultural no século VII a. C.
- ^{lvi} Poeta grego chamado "Príncipe dos poetas".
- ^{lvii} Referente à coroa de louros ou coroa triunfal concedida a um general vitorioso que entrava na antiga Roma. Era um símbolo de triunfo e distinção.
- ^{lviii} Jovem da mitologia grega conhecido por sua beleza.
- ^{lix} Garganta.
- ^{lx} Tocha.
- ^{lxi} Espécie de caixão em que os antigos romanos transportavam os despojos dos inimigos.
- ^{lxii} Alto-mar, região oceânica afastada do litoral.
- ^{lxiii} Anchieta e Nóbrega foram dois sacerdotes Jesuítas.
- ^{lxiv} Foi um imperador romano.
- ^{lxv} Maldição.
- ^{lxvi} Província do império romano.
- ^{lxvii} Artista que compunha e entoava cantigas.
- ^{lxviii} Instrumento musical.
- ^{lxix} Cidade bíblica da Palestina situada às margens do rio Jordão.
- ^{lxx} Líder político e militar nos últimos estágios da Revolução Francesa.
- ^{lxxi} Filósofo suíço do Iluminismo e considerado precursor do romantismo.
- ^{lxxii} Foi um rei de Chipre, de acordo com a mitologia grega.
- ^{lxxiii} Variação de laje.
- ^{lxxiv} Comuna italiana da região do Lácio, província de Roma.
- ^{lxxv} Referente aos imperadores romanos.
- ^{lxxvi} Monte Palatino é uma das sete colinas de Roma.
- ^{lxxvii} Nome de um vulcão localizado no golfo de Nápoles, Itália.

-
- ^{lxxviii} Município da microrregião de Porto-Alegre - RS
- ^{lxxix} Pretensioso.
- ^{lxxx} Habitação humilde, cabana.
- ^{lxxxí} Palácio.
- ^{lxxxii} Poeta italiano do século XVI.
- ^{lxxxiii} Poeta e humanista italiano famoso pela invenção do soneto.
- ^{lxxxiv} Poeta italiano.
- ^{lxxxv} Natural da Capadócia ou, em outros sentidos, pode ser aquele que tem modos de canalha ou o que canta à noite sob as janelas da namorada.
- ^{lxxxvi} Completo, inteiro.
- ^{lxxxvii} Compositor e político do estado de Santa Catarina.
- ^{lxxxviii} Refere-se a Nossa Senhora do Desterro, que foi o nome da atual cidade de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.
- ^{lxxxix} Amor à humanidade.
- ^{xc} Foi um compositor, organista e violinista italiano de obras de música sacra, da época do Barroco.
- ^{xcí} Refere-se à escola musical de Rossini e seus imitadores.
- ^{xcii} Canto ou vozeria com que os marinheiros ritmavam seu trabalho.
- ^{xciii} Trata-se de um parque nacional de conservação que abrange várias cidades e está situado no estado do Rio de Janeiro.
- ^{xciv} Espécie de prece ou missa composta para um funeral.

Texto transcrito e anotado pela acadêmica Sintia da Motta, do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus de Pato Branco, sob a orientação do professor Ulisses Infante. A ortografia foi atualizada segundo o

Acordo Ortográfico de 1990. A pontuação e o uso de iniciais maiúsculas foram uniformizados de acordo com os padrões atuais.

Este trabalho integra o projeto "Diálogos Lusófonos: apontamentos de Gonçalves de Magalhães, Almeida Garrett e Alexandre Herculano para Crítica Literária no Brasil e em Portugal". Este projeto conta com o apoio financeiro do CNPq. Em caso de citação deste texto, pede-se que se mencione o projeto de que faz parte e o apoio financeiro do CNPq.

O texto original se encontra no exemplar do primeiro volume da *Revista Nitheroy* oferecido pela coleção Brasileira, da Universidade de São Paulo, cuja ficha completa se reproduz a seguir:

<p>Título: Nitheroy : revista brasiliense, sciencias, letras e artes, t. 1, n. 01, 1836</p> <p>Título alternativo: [Niterói : revista brasiliense, ciências, letras e artes]</p> <p>Local de Publicação: Paris : Dauvin et Fontaine, Libraires</p> <p>Ano de Publicação: 1836</p> <p>Descrição Física: p. 1 - 186</p> <p>Idioma: Português</p> <p>Patrocínio: Ministério da Cultura - Programa Cultura e Pensamento</p> <p>Assunto: Astronomia Escravidão Economia Ensaio literário Música</p> <p>URI: http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/03512810</p> <p>Tipo: Periódico</p> <p>Conteúdo: SUMÁRIO - Ao leitor - Astronomia dos cometas, por C. M. D'Azeredo Coutinho (p. 7 - 34) - Considerações econômicas sobre a escravatura, por F. S. Torres Homem (p. 35 - 82)</p>
--

- Reflexões sobre o crédito público e sobre o relatório do Ministro da Fazenda, por F. S. Torres Homem (p. 83 - 131)
- Ensaio sobre a História da Literatura do Brasil, por D. J. Gonçalves de Magalhães (p. 132 - 159)
- Idéias sobre a música, por Manuel de Araújo Porto-Alegre (p. 160 - 183)

Referências bibliográficas:

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico Etimológico da Mitologia e da Religião Grega* - vol I. Petrópolis: Vozes, 1991.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico Etimológico da Mitologia e da Religião Grega* - vol II. Petrópolis: Vozes, 1992.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico Etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.

BULFINCH, Thomas. O livro da mitologia: histórias de deuses e heróis. Tradução de Luciano Alves Meira. São Paulo: Martins Claret, 2006.

CANDIDO, A. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 6ª Ed. Belo Horizonte. Editora Itatiaia Ltda. 2000.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em:
< <http://www.priberam.pt>> Acesso em Dez/2013.

DUARTE, M, de F, D. Primórdios do Nacionalismo Musical as "Ideias sobre a Música" de Manuel de Araújo Porto-Alegre. In: Nitheroy: revista brasiliense, ciencias, letras e artes, t. 1, n. 01 e n. 02. Ana Beatriz Demarchi Barel (org.) Minerva Coimbra. 2006. p 107 a 115.

FRANCHETTI, P. Gonçalves de Magalhães e o Romantismo no Brasil. In: Revista de Letras. São Paulo. Jul/dez, 2006. p. 123.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

NITHEROY : revista brasiliense, ciencias, letras e artes, t. 1, n. 01 e n. 02, Paris, 1836. Disponível em:
<<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/03512810>>. Acesso em: SET/2012.

